

À Biblioteca Pública de  
Braga14  
OUTUBRO  
1972

## SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

1.º Simpósio Nacional de  
Produção, Promoção e VendasParticipação válida e destacada  
do sr. dr. J. Pereira da Silva

Com assinalado êxito, realizou-se, de 28 de Setembro a 11 de Outubro corrente, em Ofir, o 1.º Simpósio Nacional de Produção, Promoção e Vendas, sob o patrocínio do Estado, com intervenções das mais destacadas figuras nacionais das finanças, agricultura, comércio e indústria.

Como o assinalou a imprensa diária com especial relevo foi figura destacada desse colóquio o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva, figura bem conhecida no nosso meio, advogado de prestígio e uma das mais salientes figuras da nossa indústria nacional.

Proprietário agrícola e presidente do nosso Grémio da Lavoura e da Cooperativa Agrícola, é figura com conhecimentos especiais sobre as matérias ali tratadas e assim o fez saber através das inúmeras intervenções e dos trabalhos apresentados, um sobre Agricultura e outro sobre a função social da Empresa.

Iniciamos, hoje, a publicação do primeiro desses trabalhos para os quais chamamos a atenção dos nossos leitores.

\*

Em maior ou menor grau as dificuldades que a agricultura atravessa são comuns à maioria dos povos.

A crise da agricultura portuguesa é consequência de cousas de carácter geral que por assim o ser se fazem sentir em grandes regiões do globo e consequência também de causas específicas, isto é, causas actuautes no território português e decorrentes de características especiais do seu solo e do carácter ou maneira de ser do seu povo.

Sem exagerado pessimismo creio poder afirmar que a agricultura portuguesa continua em crise, presa de processos ainda quasi ancestrais, se não na utilização dos meios físicos de produção, pelo menos na índole do agricultor português, duma maneira geral atávico, duma maneira geral fechado a uma visão rasgada da agricultura do futuro.

Filho de proprietários rurais e eu pró rio também agricultor de razoável dimensão, tenho vivido numa incessante preocupação no sentido de prestar o meu contributo rumo a uma evolução apressada deste estado de coisas com vista a um futuro melhor.

Nesta região do país — Minho e Douro — tenho procurado observar e detectar as causas responsáveis por uma agricultura pouco evoluída e de rentabilidade quasi nula.

A respeito dela — já há anos o Presidente Salazar dizia com o acerto do seu saber: *é a maneira de empobrecer alegremente.*

Parando um pouco na análise desta frase, deparamos com o significado profundo de *pobreza alegre* que quanto a mim explica a razão do nosso insucesso agrícola e constitui a causa motora.

*Pobreza alegre*, quer dizer conformismo, atitude acomodativa face aquilo que está mal e concretiza, nos tempos modernos, o maior elemento retardador do progresso ou do desenvolvimento.

Sem desprimor — mas apenas na intenção de dizer o que penso — tenho para mim que o povo português é por sua natureza conformista e acomodativo — e se esta tendência se faz sentir a um nível geral — ela acentua-se bastante mais no tocante àqueles que se dedicam à lavoura...

Perante um mau ano agrícola o povo diz: *Deus quíz assim* — face a uma estiagem que lhe seca o milho e emagrece o gado ouve-se repetidamente: — «O Senhor não mandou uma chuvinha»... Esta atitude denuncia uma posição fatalista perante a vida, de passividade total, apenas não totalmente infeliz porque ao menos não lhe falta a alegria.

(Continua no próximo número)

## O IMPULSO DO «ESPÍRITO NOVO»

«Não é de um dia para outro que se vence a distância que vai das aldeias tribais para a sociedade industrial ou mesmo pré-industrial» — lembrou há tempos, o Presidente do Conselho. E acentuou não bastar «a própria instrução para no espaço de uma geração, transpôr essa distância». Se alguém isolasse, do contexto da «conversa em família», estas referências à complexa problemática da evolução ou, se se preferir, da promoção sócio-económica poder-se-ia supor que, segundo o Chefe do Governo, só o factor «Tempo» (qual e quanto?) poderá concorrer para que tamanha «distância» seja percorrida. A tática de truncar frases, isolar um ou outro período, desvirtuando, inclusivé, alguns dos termos aplicados, é muito usada por comentadores precipitados

ou premeditadamente dispostos a desorientar a opinião.

Acontece, porém, que a comunicação do Chefe do Governo não facilita esse velho e censurável processo. Note-se bem como ele explicou, rematando o pensamento enunciado: «Por isso, ao contrário do que pensam e dizem os demagogos (*e aqui surge uma dúvida nossa, sobre se eles pensarão verdadeiramente o que dizem...*) por esse mundo além, a adaptação das populações africanas aos tempos modernos não depende de simples declarações políticas ou de fingidas independências». E porquê? É que — e todos temos verificado isto, como o têm sentido durante os chefes dos novos Estados africanos — *«o africano precisa do auxílio dos homens que criaram e praticam as técnicas, sem as*

*quais não se concebe hoje a vida colectiva».*

Haverá quem, não lendo mais, por preguiça mental ou arrogante auto-suficiência, logo fale de «fardo do homem branco», tese grata a Rudyard Kipling, como síntese de um ideário que dominava na época do mestre da «ahory story». Mas, evidentemente, não é disso que se trata. Lá está o termo «auxílio» a demonstrá-lo, antes de mais. E «auxílio» pressupõe cooperação, colaboração, conjugação de vontades e de esforços, *unidade, enfim!* E não uma *unidade* que imponha, como único aceitável, o padrão de vida europeu, visto que «há valores que importa respeitar nas sociedades tradicionais africanas». Já não restam dúvidas, hoje, sobre o erro grave de quem julga depender a felicidade dos homens da imposição de hábitos que outros achem excelentes». É preciso — acrescentou o Prof. Marcello Caetano — acatar as preferências e as tendências que o meio foi ensinando às populações nativas».

E surge, por lógica soma de factores realistas, uma das

(Continua na 4.ª página)

## ASCETAS

Não vamos concordar em absoluto com o sinónimo perfeito da palavra asceta, tanto que hoje podem-se empregar significadamente muitas palavras nem sempre originárias do verdadeiro sentido. Mas o asceta, dados os seus princípios austeros é o indivíduo dedicado ao bem comum e que para ele contribuindo ainda tem o cuidado de após a morte continuar nessa austeridade patriacal da distribuição do Bem.

Foi o que aconteceu com esse alevantado benemérito que Amares teve a sorte de possuir — António Joaquim Vieira (Vieirinha, como singularidade do povo que não bem lhe queria). Quem, como ele, se dedicou fraternalmente a servir o semelhante; quem, como ele, viveu sempre sob o impulsivo bem fazer; quem, como ele, do préstimo fez bandeira, não podia, naturalmente, deixar de contemplar todos aqueles de amanhã que já não poderia servir E, então, ofertou à Misericórdia da sua terra,

todo o bem que possuía, além do bem que fazia: 450 contos.

Esta filantropia de todos os tempos, felizmente, mas de raras ocasiões, veio-nos trazer à memória outro asceta que na nossa terra (Lordelo do Ouro — no Porto) procedeu de igual modo, não para o Hospital, mas para a Confraria do Santíssimo Sacramento, ao tempo das mais singulares instituições de benemerência.

Em 1745 faleceu no Rio de Janeiro um indivíduo chamado Frutuoso de Faria, nascido em Lordelo do Ouro, que ao falecer, em testamento, legou 35 mil cruzados (catorze contos de reis! — em 1745) à citada Confraria, com certas disposições especiais, apenas, a que ela seria obrigada. Do restante poderia dispor como lhe aprovesse. Cumpridas as formalidades a instituição entrou na posse do legado.

Ao mesmo tempo era fundada a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, reinan-

(Continua na 4.ª página)

## 5.ª COLUNA

Os noruegueses são tradicionalmente democráticos. Desta vez não trataram de política. Tratou-se do interesse do homem da rua. Ele não quis e lá teve as suas razões. É o povo quem manda. Isto, embora nos pareça sobremaneira incipiente, frio, insípido mesmo, não é! Trata-se de um povo sabendo o que quer e o governo assim lhe propôs.

De facto, o que interessava era conhecer-se quem ganhava o referendo acerca da entrada da Noruega para o Mercado Comum. O povo ou o Governo. Ganhou o povo porque disse «Não!» Porquê? Há razões tão curiosas como naturais. Eu, por exemplo, Leitor, que tenho apreciado a nossa inclusão

(Continua na 4.ª página)

# NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE AS POMBAS

Na capital de Moçambique, procedeu-se a uma demonstração técnica na qual foi mostrado o trabalho duma máquina de corte e perfuração de cerâmica.

A máquina, apesar de já colocada no mercado lourenço-marquino, necessitava desta demonstração, dado que o cliente não se arriscaria facilmente a adquiri-la, enquanto não lhe fosse garantido o resultado prático e eficiência da mesma.

O aparelho em questão, além de reduzir grandemente o trabalho do operário, executa a tarefa com uma perfeição não comparável ao trabalho manual. Assim, enquanto um operário ou mais gastam horas a executar um furo ou um corte no material, a máquina acaba a mesma operação em poucos minutos e não deforma a peça a trabalhar.

Segundo informação dada pelo promotor da referida máquina em Moçambique, o mesmo já fez muitas demonstrações nas principais cidades brasileiras, além das que já se fizeram também em Espanha, onde foi inventada a máquina «Rudin».

Para se avaliar o grau de perfeição do trabalho desta máquina, basta dizer que existem em Espanha obras artísticas feitas com aparas de azulejos, designadamente no aeroporto de Barcelona, no género de pintura mural. De qualquer maneira, crê-se que esta invenção da técnica virá beneficiar em muito a construção civil.

## A Guerra dos «Mainatos»

Há dias abeirou-se de nós um rapazito que não devia ter mais de 12 anos e perguntou-nos se sabíamos de alguém que precisasse de mainato. O moço, com ar de esperto e de fatigado, maleta na mão, informou-nos que já vinha do Maputo, à procura de serviço. Na altura não conhecíamos infelizmente ninguém que necessitasse dos seus préstimos, mas ficamos com pena de não poder acudir à situação do miúdo.

O candidato a moleque — calculámos — continuaria a vagar pela cidade desconhecida, a bater a esta e àquela porta, e, se não tivesse sorte, chegaria à noite com o estômago vazio. É certo que arranjará colocação, mas, até lá, soaria as estopinhas.

Casos como estes são às dezenas. Aspirantes a maina-

tos, largam do mato para a cidade, cabeça cheia de ilusões, à aventura. Às vezes são bem sucedidos, outras, mal. É certo que há um contrato de trabalho, a lei protege-os, ganham o justo salário. Até aí, de acordo. Mas a afluência é demasiada em função dos patrões, isto é, a oferta excede a procura e o resultado é este: o caso do rapazito que se nos dirigiu e de tantos outros que se transformam em vadios — quando não andam por aí de dia e de noite, fazendo mão-leve na propriedade alheia.

Conclusão: Além do já criado Serviço Nacional de Emprego, devia ser também instituída uma espécie de dependência no Serviço Social destinado à colocação de empregados domésticos, ou seja de indivíduos não especializados. Deste modo, já poderão usar aquele expediente dum personagem dum conto há tempos publicado num dos jornais de Lourenço Marques. Esse personagem, que era mainato, notando que a gente-bem usava sob o nome, nos cartões de visita, os cargos em que era investido, escreveu também nos seus cartões de visita, de baixo do nome, as iniciais O.C.S. (Oriundo da Classe dos Serventes).

Correspondente

Vai-se a primeira pomba despertada, vai-se outra... vai mais outra... enfim dezenas de pombas vão-se pombais, apenas raia sanguínea e fresca madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada sopra, aos pombais, de novo, elas serenas, rufando as asas, sacudindo as penas, voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações, onde abotoam os sonhos, um por um, céleres voam, como voam as pombas dos pombais.

No azul da adolescência as asas soltam, fogem... mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais.

«A RIVAL» — CASA DE PASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e Baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

## CALAFRIO

Continuado do número anterior)

diante de mim Mrs. Grose, que se aproximava da minha cama com más notícias. Flora encontrava-se cheia de febre e era de esperar que caísse doente; havia passado uma noite agitadíssima, cheia de medos, que não tinham por objecto, de maneira alguma, não a primeira preceptora, mas sim a actual. Não era contra a possível entrada em cena de Miss Jessel que ela protestava, mas claramente, apaixonadamente, contra a minha. Claro está que me ergui imediatamente e cheia de perguntas a fazer; tanto mais que a minha amiga se havia agora perceptivelmente dominado para me procurar outra vez. Percebi o mal e perguntei que pensava ela àcerca da sinceridade da pequena em relação à minha.

«Teima em negar que tenha visto? Teima que nunca viu coisa alguma?»

A perturbação de Mrs. Grose era, realmente, grande.

«Ah, Miss, isso não é coisa que eu lhe possa arrancar! Mas, confesso; era o que eu necessitava saber. Parece toda ela mais velha, todos os seus bocadinhos.

— Oh, estou a ver perfeitamente. É o que acontece neste mundo com algumas importantes personagens de palmo e meio: está sentida com a minha censura à sua veracidade, isto é à sua respeitabilidade. Miss Jessel, realmente — essa! Ah, essa é respeitável, o fedelho! Afirmou-lhe; impressão que ela ontem me causou foi a mais extraordinária de todas; ultrapassou tudo. Mas não estive em meias medidas! Nunca mais me voltará a falar.»

Mrs. Grose ficou um momento muda, tão horrível e obscuro tudo isto lhe parecia; depois cedeu ao meu ponto de vista com uma franqueza que tinha, por certo, algo mais atrás dela.

«Estou, na verdade, convencida, Miss, de que ela nunca mais lhe falará. Deve estar decididamente resolvida a isso!

— E aí está o mal de que ela sofre agora!» concluí eu.

Oh, tal resolução pude vê-la reflectida na cara da minha amiga, e para além ainda!

«Está a perguntar-me a todo o momento se penso que a Miss vai chegar.

— Compreendo, compreendo. Eu também, pela minha parte tinha futurado aquilo.

«Além dessa pretensão a negar qualquer ligação com um tal horror, disse-lhe mais alguma coisa, desde ontem, àcerca de Miss Jessel?»

— Nem uma palavra, Miss. E, é claro, bem sabe, » acrescentou a minha amiga, «consegui arrancar-lhe, a propósito do lago, que ali, pelo menos, não havia pessoa alguma.

— Talvez! E naturalmente é isso que continua a tirar dela ainda.

— Não a contradigo. Que heide eu fazer a não ser isso?

— Absolutamente nada! A senhora está a lidar com a petiz mais maliciosa deste mundo. Eles — os dois amigos, sim — fizeram-na mais esperta que a própria natureza; que prodigioso material para manejar! Flora tem agora as suas razões de queixa, e é isso que ela explorará até ao fim.

— Sim, Miss; mas até que fim?

— Ora, até deixar de tratar comigo, para tratar com o tio.

Há-de provar-lhe que eu sou a mais vil das criaturas...!»

Calei-me, deixando pintar-se a linda cena na máscara de Mrs. Grose; durante um instante, foi como e ela os estivesse a ver juntos, em carne e osso.

«E ele que faz de si um conceito admirável!

— Vai ter uma maneira bem singular — agora me ocorre, » ri eu, — «de provar tal coisa! Mas isso não tem importância. O que Flora pretende, claro, é ver-se livre de mim.»

A minha companhia corajosamente conveio:

«Nunca mais a quer ver.

— Isto é, a senhora veio aqui, de propósito, » perguntei eu «apressar a minha partida? » Antes que ela, respondesse, pu-la em cheque. «Eu tenho uma ideia melhor — resultado das minhas reflexões. Pensei que o melhor seria ir-me embora, e no domingo estive quasi decidida a faze-lo. Mas não devo partir. Quem deve partir é a senhora, e levar a Flora consigo.»

Perante isto, a minha visita pôs-se a considerar:

«Mas para onde deseja que eu vá...?»

— Para longe deles. Para longe de mim, mesmo, mais do que qualquer outra pessoa. Direita para casa do tio.

— Apenas para lhe contar àcerca da Miss...

— Não; não só para isso! Para me deixar sòzinha com o meu tratamento.»

Mrs. Grose continuou sem compreender.

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Luz de Luz

Iluminado pela Luz Divina veio o Doutor Baltazar Rebelo de Sousa, Ministro da Saúde e Assistência, praticar um acto, dos seus maiores, de Justiça Social. Acaba de levar a todos os lares dos trabalhadores agrícolas, a tranquilidade exigida por qualquer mortal no conceito social e cristão. Essa pobre gente que tinha de fugir da Pátria para não acabar a mendigar ou para não ser recolhido em casas de caridade, separado da família e do conforto que ele oferece a qualquer cidadão, tem agora a sua defesa na Previdência com abono de família e reforma depois de atingir o limite da idade ou na incapacidade por qualquer fatalidade imprevista. Conseguiu-se ainda, o que é muito importante, a fixação do grande número de trabalhadores que à lavoura se dedica e que não era possível viver sem o seu trabalho. Não admira, pois, que o genial homem que foi escolhido para creditar a Nação de uma dívida que a podia arruinar, tenha sido vivamente felicitado pelos representantes dos beneficiados que são capazes ainda de não acreditar nas medidas que vão ser postas em prática a começar em Janeiro do ano próximo. Ao fazer uma recapitulação do exaustivo trabalho que o Governo tem tido desde 1926, não posso nem qualquer cidadão poderá também deixar de concordar com as dificuldades encontradas e que fizeram demorar tanto tempo o que mais essencial se tornava para acabar com defeitos ofensivos à dignidade humana. A luz que iluminou o espírito do ilustre titular da pasta da Assistência vai aquecer milhares de almas que viveram sempre nas trevas e gelados nas miseráveis barracas que habitavam à espera do dia e da hora que as tinham de abandonar para não morrer de fome. Como português em contacto diário com essa classe a que me honro de pertencer, saúdo o Dr. Rebelo de Sousa por extirpar um dos maiores «cancros» existentes num país velho e civilizado e que se acaba de completar com aquilo que mais falta fazia.

### Capela de Santa Luzia

Dando satisfação ao pedido pelo padre Albino Fernandes Alves, digníssimo pároco da Freguesia de Ferreiros e também na obrigação que sinto de esclarecer o respeitável público para que da verdade tenha conhecimento, julgo-me responsável na no-

tícia que dei nas colunas deste jornal acerca da Capela de Santa Luzia que sempre foi e é da Paróquia de Ferreiros e não propriedade particular de uma Senhora que vendeu os terrenos que a cercam e ofereceu ao Município o Castelo Residencial dos Vasconcelos — venerando padrão de Glória da História da Pátria.

### Vindimas

Já lá vai o tempo da grande alegria que sentíamos na quadra que estamos a atravessar com essa faina. Ainda não ouvimos as vozes sonoras do povo de escadas e cestos a apanhar o nectar precioso e verdadeiro elixir de almas apaixonadas. Tudo concorre para essa tristeza. O pouco vinho, a falta de gente, as videiras tradicionais decrépitas e o Jacquet a defender os lavradores, condenado à morte se as leis severas não forem recolhidas por quem se lembrou de intervir no direito que assiste a cada um de produzir para si aquilo que mais gosta ou que é obrigado a gostar por ver que ainda não foi dito como se há-de evitar o desaparecimento do borraçal, vinhão etc.. É isto que queremos saber para fazer a vontade a quem deseja, como nós, vinho de boa qualidade.

### Transferência de Funcionários Públicos

O Sr. Paulo José da Silva, verificador de impostos, nasceu em Amares à beira da Repartição de Finanças que ele serviu no espinhoso cargo de verificador. Foi transferido para a Direcção do Distrito e o Sr. José da Rocha Dias, nasceu em Portela e veio substituí-lo deixando a repartição de Vila Verde aonde estava, com saudades do seu chefe, dos seus colegas e do povo que serviu. O Paulinho, como era conhecido deixou saudades a todos mas para colmatar a dôr veio o Sr. Dias lançar o bálsamo consolador da Justiça e da simpatia; como esse movimento foi silencioso só agora dou esta novidade por só agora ter conhecimento do destino dos dois funcionários públicos chamados às fileiras dos balcões das repartições para onde os mandaram e distinguidos por merecimentos próprios.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carracedo

Amares

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

No próximo dia 19, festeja o seu aniversário o sr. José da Costa Azevedo.

No dia 21 o sr. Fernando Lucílio da Costa e o sr. Artur de Freitas.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

### Aniversário

#### José Dias Vieira

Na próxima quinta-feira, dia 19, passa o vigéssimo aniversário do sr. José Dias Vieira, filho do nosso estimado assinante sr. Agostinho Vieira, industrial nesta Vila, e de sua esposa D. Lisdália Abreu Dias.

Seus pais e manos desejam-lhe muitas felicidades.

Por tão faustoso acontecimento, um grupo de amigos felicita o «Zé» e deseja-lhe que esta data se repita por anos sem fim.

Tribuna Livre cumprimenta-o e deseja-lhe, também, muitas felicidades.

## Contrabando no valor de 2.000 contos apreendido numa praia deserta

Julga-se que se destinava à Espanha um grande contingente de contrabando de tabaco e de bebidas alcoólicas de proveniência norte-americana, no valor de cerca de dois mil contos, que a guarda fiscal portuguesa apreendeu, numa pequena enseada, perto do Almogrove, praia deserta do distrito de Setúbal.

Os contrabandistas conseguiram fugir quando surpreendidos pelas autoridades, no que foram ajudados pela extrema escuridão do local. Foram apreendidas pela guarda fiscal duas viaturas — um tractor e um camião — que já estavam semicarregadas com o material de contrabando, e que se apurou terem sido roubadas a lavradores da região.

## Acidentes em 1971

Elevou-se a 34 199 o número de desastres de viação registados no Portugal metropolitano em 1971, dos quais resultaram 1 689 mortos e 31.782 feridos.

## Foi de Nazaré o vencedor

Um jovem português, Aníbal Leal Freire, de 13 anos, residente na Nazaré, foi o vencedor, «ex-aequo» com um suíço, entre cerca de vinte concorrentes, na classe de juniores do Campeonato Mundial de Acordeão, que se realizou na cidade espanhola de San Sebastian.

## COMUNICADO

Comunica-se a todos os atletas do F. C. de Amares e ao público em geral que, a partir desta data, ficam cancelados todos os compromissos que a Direcção que se propunha dirigir o clube havia assumido, em virtude de terem falhado certas promessas feitas por pessoas com responsabilidades pela continuação do F. C. de Amares, ao pretenderem que as importâncias oferecidas para que o clube prosseguisse a sua carreira desportiva fossem desviadas para outros fins.

Promete-se, todavia, dentro de um curto espaço de tempo, esclarecer o público mais pormenorizadamente dos fortes motivos que levou a Direcção a renunciar ao compromisso que então assumira, e ao qual já estava a dar o devido seguimento, para o que vai ser pedida uma assembleia geral.

UMA COMISSÃO



## OIÇA NA RÁDIO

"a Bayer  
no campo  
conselhos ao agricultor"

Oiça, diariamente, em Rádio Renascença, onda média e frequência modulada das 6 às 6,30 horas, através do programa: «Madrugada... na cidade e no campo», a rubrica — «A BAYER NO CAMPO — CONSELHOS AO AGRICULTOR» — que a Bayer Portugal dedica a todos os agricultores portugueses.

A Bayer está à sua disposição. Escreva-nos a pôr o seu problema.

Peça no seu agente Bayer o impresso/questionário «CONSULTÓRIO FITOSSANITÁRIO BAYER» e beneficie, gratuitamente da nossa experiência de 100 anos.



**Bayer Portugal, s.a.r.l.**

# FELIZ ENCONTRO O IMPULSO DO - ESPÍRITO NOVO

Por — Elísio Gonçalves

O amigo José Tavares tem na Feira Nova muitas e valiosas amizades. Não pode porisso prescindir da sua terra natal como visitante querido. Consegiu, através da sua educação, cativar umas amizades que se preocupam com ele e com a sua felicidade. Experimentei esta verdade em casa de meu sobrinho José Gonçalves Leite que é também na Feira Nova uma figura estimada e de grande relevo comercial, ao despedir-se da esposa do amigo a quem me estou a referir e aonde eu me encontrava à espera de ver se conseguia ver, pela primeira vez, encontrar-me com ela para a conhecer e transmitir-lhe a minha gratidão ao marido pela prenda que recebi, não das suas mãos, mas das do Zéca, o meu coração pulsou como estivesse na presença de uma família que pela primeira vez tinha a ventura de conhecer. Fiquei sensibilizado com essa figura débil de Senhora que é uma honra para o seu sexo, para o marido que dela era merecedor e para Portugal que tem no Canadá uma embaixatriz da dignidade das mulheres portuguesas. Os breves momentos do casual encontro que se transformaram rapidamente numa comoção de quem vê partir uma pessoa tão distinta e que nada aceitou de mim como homenagem a si e ao seu marido, fizeram-me convencer que Cristo não só é grande pelo que fez e disse, mas também por não deixar mirrar no coração dos homens o Seu amor, o amor que nos une na Terra que Deus criou. Preocúpo-me com a visita desse homem que, como eu, teve a sorte de ser pobre para poder conhecer no Mundo terras que nos oferecem possibilidades de conhecimentos e se por toda a parte a presença de Cristo foi assinalada. Ele foi mais generoso nessas longínquas paragens hoje tão próximas com a aviação aérea.

Até à vista querido amigo e não te esqueças que a Tribuna Livre e agora o Milho Rei são dois padrões de glória para os fundadores, é o espírito vivo da família Paulo Macedo encarnado no pai Sr. António, figura venerável de 82 anos que ainda passeia no largo da Feira apontado com o respeito que merecem os homens do seu quilate.

## ASCETAS

«Continuado da 1.ª página»

do então D. José I com o seu primeiro ministro, o Marquês de Pombal. Mas também vivia na mesma data um importante senhor chamado João Correia da Silva Figueiredo Castelo Branco de Moraes Tenreiro, que mereceu do Ministro a sua nomeação para Fiscal dos negócios da Companhia em Inglaterra, lugar cuja importância condiz com a do referido senhor.

A despeito da sua importância social e política, o homem não tinha fortuna bastante para ocupar o lugar, mas tinha estirpe política e, assim, conseguiu que um decreto com data de 17 de Julho de 1759 obrigasse a Confraria a entrar com os catorze contos nos cofres da Companhia dos Vinhos do Alto Douro que lhe seriam mutuados ao juro de 5% anuais, caucionado aquele por 35 ações da Companhia, pertença do tal João Correia da Silva Tenreiro.

E assim foi. Não houve que discutir! Cumpriu-se o decreto, efectuaram-se legalissimamente as escrituras e os catorze contos lá ficaram!

Anos depois, a Confraria quis reaver o dinheiro. Não havia possibilidade. Então pôs uma acção para confis-

car as acções. Qual quê! Tinham desaparecido e até 1893 andou em demanda uma e outra sem que a Confraria recebesse o seu Legado, já recebido. E dizia então em 1893:

«Esperemos, porém, tranquilamente, já porque estamos convencidos que o Direito está do lado da Confraria e já porque nos é agradável crer que a maior parte do Poder Judicial há-de, com seu recto procedimento, estabelecer um dique à desmoralização, livrando-nos de quem quer empolgar, sem o suar, aquilo que outrem adquiriu com probo trabalho, tendo sempre regularidade e honestidade na sua vida.»

Pobre asceta Frutuoso de Faria que tão bem soube avaliar o conceito em que tinha a sua confraria, mas nunca cuidou ela ser espoliada de tal maneira.

Não há felizmente no Legado do nosso bom Vieirinha semelhante anomalia, nem a haverá, mas isto vem demonstrar como a alma dos ascetas é vilipendiada desde tempos idos.

Paz aos ascetas que não têm culpa dos que ficam a orientar o destino da sua benemerência.

MILITÃO PORTO

(Continuado da 1.ª página)

traves mestras da sociedade multirracial que estamos a construir, na qual tenham lugar e «onde se possa fazer, senão a simbiose, o sincretismo das culturas europeia e africana». E com um fim que nada tem de restricto: «A construção da sociedade multirracial portuguesa é a única via que leva a resultados construtivos — com vantagem para a África e para o Mundo», sublinhou o Presidente do Conselho, solidamente apoiado em factos que não será legítimo sofismar.

Mas seria possível levar a cabo tamanha tarefa — em benefício de toda a África e do Mundo, repetimos — se os interessados directos persistissem em anacrónicos erros de mentalidade e hábitos tão arcaicos como prejudiciais para todos? Claro que dificultariam o trabalho, atrazá-lo-iam, *lesando e lesando-se*. Neste ponto, não é a «personalidade» que inspira discussão. É o individualismo particularista, por mais que ele seja ou se suponha respeitável. Já muitos dissabores e atrazos esse fautor de cizanias nos causou.

É tempo de o reconhecer e de verificar que se nos impõe a necessidade de um «espírito novo» — precisamente o *novo espírito* que persidiu à elaboração da Lei

Orgânica do Ultramar recentemente publicada no «Diário do Governo». O mesmo que ditou as considerações do Presidente do Conselho e inspirou a «nota oficiosa» divulgada horas depois dessa clara e penetrante exposição feita à consciência nacional — ao fundamental bom senso da gente portuguesa, sem distinção de credos, de preferências doutrinárias ou de cor.

Sòlidamente alicerçados nas razões que nos assistem — e que os acontecimentos mundiais se encarregam de fortalecerem nem temos que prestar ouvidos aos vesânicos utopistas da «negociação» (igual a «capitulação», equivalente a consequentes abandonos provocados de tragédias incalculáveis), quando a nossa luta de legítima defesa conteve (e contém) as arremetidas de bandos de gente incitada e iludida por mentores estrangeiros. Nunca, sob qualquer pretexto, por mais cativante e florido, abandonaremos as nossas populações fidelíssimas; nunca abriremos caminho a quem possa vir a devastar a obra de civilização penosamente por nós construída; nunca transigiremos em admitir que se transformem aquelas terras em campo de batalha para potências que, sob mil eufemismos falaciosos, disputam a influência no Atlântico e do Índico,

melhor dizendo, o domínio do Mundo.

Eis, por consequência, como amplamente se justifica, sem haver que dar lugar a sentimentalismos, nem sentir claudicações, a ampla abertura concedida aos «portugueses africanos cultos que estão no estrangeiro» e que amem a sua terra. Torna-se iniludível o honrado pensamento que levou o Governo a dirigir-lhes um apelo, para que venham — se honestos e conscienciosos — colaborar na obra fraterna que levamos a cabo. Há lugar para todos e labor útil para todos *em prol do comum*. Se reconhecem os erros que foram levados, se desejam «integrar-se na sociedade aberta que queremos construir com eles» e desde que venham de mãos limpas e coração leal».

A. L.

## 5.ª COLUNA

em todas as manifestações e instituições tecnocráticas, de vo dizer que não concordo. Mas eu, sou eu. O povo é o povo. Cá em casa não há referendos. Nós acreditamos na mística que o Governo impõe. Devo dizer que gosto. O que não gosto — e por isso estou um pouco impersuasivo — é do que pode acontecer no Futuro. Bem sei que o Futuro não me diz respeito. Estou velho e portanto quem cá ficar que se arranjar.

Já Albert Einstein dizia no seu expressivo pensamento: «Jamais penso no Futuro. Ele chegará suficientemente cedo». Mas ele era Einstein, não era este «zé de gatinhas».

Seja como for, estou velho mas tenho netos e não quero que os bisnetos me acusem de ter contribuído para a sua infelicidade. Amanhã os bisnetos, ou mesmo os netos, chamam-me anti-patriota. Porque, tome o Leitor em consideração, isto de unificar a Europa economicamente é agradável e bonito para a época actual, mas amanhã a Europa torna-se numa Confederação — económica já está a ser — Política e, daí a nacionalidade poder ser afectada a bem da comunidade. É bonito. Mas estou velho e a noção de Pátria sempre intimamente me acalentou.

Por isso aqui deixo em público e razo a minha opinião acerca do referendo do povo norueguês. Entendo que foi excelente a maneira de ver dos naturais da Noruega: viram à distância de trinta anos, pelo menos e lembraram-se dos netos, pois claro. Dos netos e dos bisnetos.

Quem se não lembra. Até o meu Leitor, certamente.

EME ABRIL

### Previsto, para novos empreendimentos turísticos no Algarve, o investimento de um milhão de contos

Cerca de um milhão de contos é quanto um grupo financeiro alemão projecta investir no Algarve, através de uma série de realizações de ordem turística, a localizar nos concelhos de Faro e de Loulé.

Foi já constituída para o efeito uma sociedade, cujos administradores se avistaram, em Faro, com as autoridades distritais e concelhias, dando-lhes conhecimento dos empreendimentos projectados.

Fazem parte do conselho de administração da sociedade, além de capitalistas portugueses, proprietários de duas firmas de Hamburgo, às quais estão associados vários bancos, sendo uma delas — de acordo com um informador do grupo — uma organização que controla vultuosos interesses financeiros alemães em vários pontos da Europa e do Japão.

### Telefones para serviços

DF — URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor duardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.Mta.)	62163
Bombeiros Voluntários de Amares	62162